

# CINEMA E RELIGIÃO: LINGUAGEM ESTÉTICA DO SAGRADO NAS OBRAS “A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO” E “SILÊNCIO” DE MARTIN SCORSESE<sup>1</sup>

Camilla Moreira Alves <sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem como objetivo analisar e discutir a relação entre a linguagem do sagrado presente nos filmes do diretor estadunidense Martin Scorsese, sobretudo nas obras “A última tentação de Cristo” (1988) e “Silêncio” (2017). Pretende-se discutir critérios que identifiquem a construção de uma estética do sagrado com base nas concepções do sagrado de Rudolf Otto e Mircea Eliade a partir dos filmes de Martin Scorsese, aclamado diretor norte-americano. Embasada pelas teorias das Ciências da religião, em particular a compreensão do sagrado, apresentado por Rudolf Otto (1992) e Mircea Eliade (1957), Martin Scorsese, desenvolve uma linguagem estética particular para tratar temáticas envolvendo o sagrado.

Os principais embasamentos utilizados vêm da teoria de Christian Metz (1972) e seu conceito de impressão de realidade. Do conceito de sagrado em Rudolf Otto (1992) com o termo numinoso como uma forma conceitual de aplicar o conceito as realidades sagradas a partir de uma percepção interna da pessoa humana. E de Mircea Eliade, com o estudo das estruturas fenomenológicas da religião, de seus fundamentos e dimensões históricas para assim compreender e comunicar sobre o tema (ELIADE, 1959, p. 232).

Portanto, ao assistir as obras cinematográficas de Martin Scorsese percebemos uma singularidade na representação do sagrado. Otto e Eliade defendem que o sagrado é uma

---

<sup>1</sup> Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 11 – As múltiplas faces da relação entre Comunicação, Religiões e Identidades Culturais, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

<sup>2</sup> Graduada em Cinema Áudio Visual pela PUC Minas, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. E-mail: [camilla.moreira@yahoo.com.br](mailto:camilla.moreira@yahoo.com.br)

experiência do sujeito, assim, podemos dizer que Scorsese constrói uma experiência única do sagrado em sua diegese fílmica.

## 2 CINEMA E RELIGIÃO

O cinema é um espelho das culturas e manifestações humanas presentes no contexto de sua produção, e entre estas manifestações, encontra-se a religião. Ao aproximar o cinema e a religião como uma forma de expressão, perceber-se-á entre eles uma similaridade em suas linguagens. Ambos trabalham com a experiência de vida do indivíduo, sendo ele interpelado pelos ritos religiosos ou pelas salas escuras com projeções de sons e imagens a partir de suas vivências. Esse fenômeno retroalimenta as experiências e sensações que extraem o sujeito de seu cotidiano para que depois a ele retorne resignificando-o.

A partir das semelhanças descritas acima, as linguagens da religião e do cinema juntas podem levar seu fiel/espectador a um nível intenso de imersão através dos elementos usados para o processo.

A sétima arte, a partir de suas linguagens e artifícios técnicos como a sala escura, a impactante projeção sonora e a impressão de realidade defendida por Christian Metz (1972), pode trazer consigo conteúdos e expressões proferidas pelos diversos tipos de religiões.

Para Christian Metz (1972) a linguagem cinematográfica irá se caracterizar pela forte impressão de realidade transmitida por ela quando agregada à captura e exibição do movimento. A “impressão do real”, citada por Metz (1972), vem da representação do mundo real em signos imagéticos. O quadro é recheado de simulacros, conceitos distorcidos em que a imitação das coisas inclui um ato criativo, um olhar e um registro momentâneo de uma situação.

O autor, ao pesquisar a relação de um filme com a realidade, acredita que a junção dos códigos e subcódigos de um filme produz significado. Ao produzir significado um filme pode expor diversos assuntos e conteúdos em suas narrativas, inclusive religiosos. O cinema, assim como a religião, pode, a partir de seus elementos, transitar em uma realidade metafísica e posteriormente contribuir para a reflexão da realidade.

A forma com que o sagrado é representado no cinema está diretamente ligada aos sentimentos que o condutor do filme, o diretor, deseja representar. Um grande plano geral usado em um cenário específico pode passar a sensação de vazio e um sentimento de

solidão, um contraste de luz pode agregar dramaticidade e um movimento de câmera pode confundir o espectador.

Assim, as imagens, além de levar sentimentos às pessoas que as assistem, podem conduzir o público a um conteúdo subjetivo. Por mais que exista o “campo” descrito por Jacques Aumont como “a porção de espaço imaginário que está contida dentro do quadro” e que a “imagem é limitada em sua extensão pelo quadro” (1995, p.21), pode-se atribuir interpretações a uma narrativa contidas em subcamadas da obra cinematográfica. Entende-se por essas subcamadas os artifícios usados pelos vários departamentos que constroem um filme e que, a partir de uma análise minuciosa dos mesmos, consegue-se extrair conteúdos e expressões simbólicas que agregam significado à obra. Concepção essa que é marcada por intencionalidades que fazem parte do campo ou do quadro. A junção desses elementos pode ser caracterizada como a estética do filme.

Com base na hermenêutica, teoria das operações e compreensão em relação à interpretação e à crítica de textos e especialmente símbolos, utilizada, sobretudo, a respeito de todas as categorias de obras de artes (HIGUET, 2013), pode-se extrair das obras cinematográficas as simbologias do sagrado a partir de uma perspectiva religiosa. Etirne Alfred Higuier, (2013) afirma que “Na interpretação, a vida compreende a vida. O elemento psicológico associado à hermenêutica permite a compreensão do autor melhor do que este compreenderia a si mesmo” (p. 458). Logo, ao analisar a obra de Martin Scorsese sobre o ponto de vista das ciências da religião, investigando suas linguagens, tem-se uma construção de sentido que pode ser, ou não, a declarada pelo diretor.

A grande tela, o impacto da projeção sonora, a sala escura e o ato de assistir ao filme sem que haja interrupção podem ser vistos como um ritual. Esse fenômeno é descrito por Júlio César Adam de forma detalhada:

As pessoas se aproximam do grande templo. Faltam apenas 13 minutos para iniciar o culto. Os membros dirigem-se com suas famílias e com seus grupos ao Santo dos Santos, dentro do grande templo. A oferta para o sacrifício precisa já ser deixada antes de entrarem no Santo dos Santos. Ali, também adquirem a comida e a bebida usada na grande eucaristia, refeição de ação de graças pela vida e o trabalho, em comunhão fraterna cultural. Adentrando o ambiente sagrado, com suas luzes bruxuleantes, fazem silêncio, como parte da devoção. Em poucos minutos, no horário marcado, os avisos sobre os próximos cultos são transmitidos. Em seguida, apagam-se também as luzes bruxuleantes. Há silêncio total no ambiente. Inicia-se o culto de 2 horas e 10 minutos. Luzes radiantes incidem sobre o grande altar da vida. “O verbo se fez luz e se projetou entre nós” (GÓES, 2003). Lá, céu e terra se encontram. No grande espelho das imagens, cada participante vê sua vida refletida, projetada, e, assim, a existência ganha sentido, ganha transcendência (ADAM, 2012, p. 553).

O dia a dia é esquecido e o foco, naquele momento, se dá na experiência emocional e estética que o cinema proporciona. A adesão ao conteúdo projetado passa pelas experiências e histórias de vida de quem acompanha o filme de modo que a vivência que se tem com o que é projetado torna-se algo particular.

A religião faz algo semelhante. Participa-se de um ritual intelectual, corporal e visual com cores, cheiros, gestos e sons em que o indivíduo é deslocado, temporariamente, de seu cotidiano. Ao voltar à rotina, transformado por esses fenômenos, surgem questões que trazem novos significados de modo que, em suas linguagens e em suas formas operacionais, cinema e religião estão próximos de maneira semelhante.

Paulo Nogueira em seu artigo *Religião e linguagem: proposta de um campo complexo* (2016), propõe um estudo da religião como sistema secundário de linguagem por meio de 3 sistemas semióticos: o gesto, a imagem (metáfora) e a narrativa. Esses encontram correlação na tríade: rito – ícone (poesia) – mito. Segundo Paulo Nogueira esses sistemas se interrelacionam e podem gerar novas mensagens.

A linguagem vai muito além de oferecer formas para expressão de conteúdos. Linguagem é um poderoso sistema de modelagem do mundo e de constituição de relações. Entendemos que as linguagens da religião (que configuram um campo com linguagens híbridas e densas) são um tipo de linguagem de segundo grau, linguagem da cultura. Como tal elas repousam sobre os três sistemas semióticos fundamentais: o gesto, a imagem/metáfora e a narrativa. Nas linguagens da religião suas contrapartidas são: o rito, o ícone/poesia e o mito. Elas se articulam entre si reforçando o hibridismo e a múltipla codificação dos textos religiosos. Isso dota as linguagens da religião de grande poder de geração de sentido (NOGUEIRA, 2016, p. 259).

O conceito de sagrado em Rudolf Otto (1992), escolhido por se tratar de uma abordagem clássica dos aspectos não racionais do sagrado, é descrito por Eduardo Gross como algo cunhado para superar a limitação racionalista que o autor enfrentava. Assim, Otto estabelece o termo numinoso como uma forma conceitual de aplicar o conceito às realidades sagradas a partir de uma percepção interna da pessoa humana. A partir dessa primeira definição, Otto estabelece outras nomenclaturas que são princípios básicos para a correlação entre a análise fílmica e as representações do sagrado presentes na filmografia de Martin Scorsese. Entre elas podemos destacar o *mysterium* (OTTO, 1992) que descreve não só o desconhecido, mas também ao que transcende na relação humana. O fascinante (*fascinsum*) e o terrível (*tremendum*) como a dualidade do que nos fascina e atrai ao mesmo tempo que atemoriza e rechaça.

Para Mircea Eliade, é essencial o estudo das estruturas fenomenológicas da religião, de seus fundamentos e dimensões históricas para assim compreender e comunicar sobre o tema. (ELIADE, 1959, p.232). Em sua obra *Sagrado e o profano* (2010), Eliade cria o conceito de hierofania para designar o “ato de manifestação do sagrado”. O conceito visa apontar para percepções humanas do sagrado. Segundo GROSS, “Não interessa a Eliade a subjetividade do crente, mas o modo como essas hierofanias se estruturam, ou seja, a descrição das estruturas do próprio sagrado”.

As teorias de Otto e Eliade, que se contrapõem em alguns momentos, convergem ao utilizarem o conceito de sagrado de uma forma que “visa transcender tradições religiosas e culturais particulares... que apesar das críticas atuais, a intenção de ambos está na busca em superação de limites tradicionais.” (GROSS, 2017, p.55). Sendo assim, os conceitos de sagrado abordados pelos dois autores podem ser eficazes para o estudo do sagrado no cinema.

Para Otto e Eliade o sagrado transcende as percepções de limites tradicionais. Preocupam-se em como o sagrado se manifesta a partir das percepções subjetivas do sujeito e das estruturas do próprio sagrado. Partindo das percepções e estruturas vivenciada para as representadas na tela, Cristin Metz vai nos apresentar a “impressão de realidade”

Segundo Metz, a reprodução do movimento incorpora aos filmes seu elemento diferenciador das outras formas e expressões artísticas e através dele o cinema consegue se aproximar de uma “impressão de realidade” mais que qualquer outra arte, gerando assim um modo particular de significados. A análise se encarregará de discutir as significações da construção estética e dos diálogos simbólicos criados pelo diretor Martin Scorsese, em especial nos filmes “A última tentação de Cristo” (1988) e “Silêncio” (2017), e seus diferentes instrumentos de discurso utilizados para construção de uma estética do sagrado.

Scorsese dirigiu o primeiro filme em 1967 e desde então suas obras recebem lugar de destaque entre as produções audiovisuais contemporâneas. O fenômeno religioso é característica presente nos filmes produzidos pelo diretor. Scorsese cresceu em contato com as crenças do catolicismo e teve uma educação religiosa intensa. Aos 14 anos ingressou em um seminário para seguir carreira religiosa e se tornar padre, porém, logo abandonou esta pretensão. A história do diretor com a religião foi, entre outras razões, influência para suas obras cinematográficas, trazendo para seus filmes elementos de conflitos religiosos. (SOTINEL, 2011).

Existem dois tipos de produções de filmes religiosos: os confessionais e os não confessionais. “Os confessionais pertencem a uma instituição religiosa e servem aos seus propósitos. Os não confessionais são produtoras e estúdios que tratam de temas e assuntos religiosos esporadicamente, conforme suas necessidades de mercado” (VADICO, 2015 p.30). Sendo assim, aqui estamos lidando com um filme não confessional, onde por mais que o diretor aborde de forma recorrente a religião, ele não serve a uma instituição religiosa, por mais próximo que tenha sido da mesma.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embasados pelas teorias das Ciências da religião, em particular a compreensão do sagrado, apresentado por Rudulf Otto (1992) e Mircea Eliade (1957), podemos afirmar que Martin Scorsese desenvolve uma linguagem estética particular para tratar temáticas envolvendo o sagrado. Os principais embasamentos utilizados vêm da teoria de Christian Metz (1972) e seu conceito de impressão de realidade.

Para Metz, todo processo de comunicação tem um material específico de expressão que vai se diferenciar dos demais. No caso do cinema, o ponto primordial se expressa através do movimento, capturado e exibido.

Com grande domínio da linguagem cinematográfica e suas técnicas, Martin Scorsese controla amplamente o processo de produção de um filme. O diretor detalha os enquadramentos, a movimentação dos personagens em cena e participa ativamente do processo de montagem das obras. Com isso, Martin Scorsese estabelece em suas narrativas uma linguagem realista e ao mesmo tempo constrói em subcamadas do filme uma dimensão visual simbólica.

Ao descrever o conceito de sagrado, Rudolf Otto (1992) designa o termo numinoso como uma forma conceitual de aplicar o conceito as realidades sagradas a partir de uma percepção interna da pessoa humana. Eliade em seu conceito de hierofania defende que o sagrado é que “dota os elementos do mundo e da vida de realidade e de sentido” (GROSS, 2017, p. 52). Assim, sua percepção transcende a particularidade confessional abordada por Otto para além da fenomenologia.

A partir das teorias e conceitos de Otto e Eliade, que abordam a percepção do sagrado e seus sentidos, a relação entre cinema e religião e suas representações podem ser identificadas na filmografia do diretor estadunidense Martin Scorsese.

Ao assistir as obras cinematográficas de Scorsese percebemos uma singularidade na representação do sagrado. Otto e Eliade defendem que o sagrado é uma experiência do sujeito, assim, podemos dizer que Scorsese constrói uma experiência única do sagrado em sua diegese fílmica.

Em “A última tentação de Cristo” (1988), o diretor estadunidense cria uma estética realista para representar a história de Jesus no cinema. Com o total domínio sobre a direção do filme, Scorsese estabelece uma humanização de Jesus e do aspecto sagrado além de questionar o senso comum da religião cristã. A humanização de Jesus é destaques para representação da história. A dúvida, as dores e o sofrimento de Jesus fazem com que ele se aproxime de nós, mortais.

No filme “Silêncio” (2017), a narrativa ficcional traz para as telas a história de um padre jesuíta, Cristóvão Ferreira, que viveu entre 1580 e 1650 e negou a fé cristã depois de ser torturado durante a perseguição aos cristãos no Japão. Em uma das cenas do filme, assistimos ao velório do padre que, em seu percurso histórico, negou a fé em seu discurso. Na sequência, podemos notar o padre sendo enterrado com uma cruz entre as mãos. Assim, ao analisarmos a linguagem estética do sagrado presente no filme, podemos intuir que o padre Jesuíta supostamente nega a fé, mas vive o cristianismo profundo ao negar Jesus para salvar vidas.

O filme traz de forma grandiosa em suas cenas e sequências a natureza. Podemos inclusive interpretá-la como uma personagem. Assim como o silêncio, seja pelos pequenos momentos de trilha musical, seja pelo silêncio divino questionado pelo protagonista. Natureza e silêncio são elementos centrais da espiritualidade oriental que se misturam na tela com passagens que remetem ao texto bíblico como o momento em que o padre Jesuíta, cavalgando em um burrinho, é apedrejado pelo povo. Ou mesmo pela caracterização dos protagonistas que apontam para a imagem clássica e europeia de Jesus: homem magro, alto, pele clara, olhos claros, cabelo longo e barba.

## REFERÊNCIAS

A ÚLTIMA tentação de Cristo. Direção: Martin Scorsese. [S.I.]: Universal Studios 1988.1 DVD (164 min) son., cor.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 9. ed. [S.I.]: Papirus, 1995.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 19--.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.  
GROSS, Eduardo. Contribuições do sagrado de Rudolf Otto e Mircea Eliade para o estudo da literatura. **Revista Graphos**, vol. 19 nº 1, 2017.

HIGUET, Etienne Alfred. Hermenêutica da religião. In: PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da religião**. 1. ed. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

METZ, Christian. **A Significação no Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução Paulo Neves; revisão técnica SheilaSchvartzman. São Paulo: Brasiliense, 2013.

NOGUEIRA, P. A. DE S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 14, n. 42, p. 240-261, 30 jun. 2016.

O Encouraçado Potemkin. Direção: Sergueï Mikhailovich Eisenstein. 1925. (84 min)  
OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Lisboa: 70. ed. 1992.

SILÊNCIO. Direção: Martin Scorsese. [S.I.]: Paramount Pictures, 2016.1 DVD (161 min) son., cor.

SOTINEL, Thomas. **Conversas com Scorsese**. 1 ed. [S.I.]: Cosac & Naify, 201

VADICO, Luiz. **Cinema e Religião**. Perguntas e respostas. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VADICO, Luiz. **O Campo do Filme Religioso**. Cinema, religião e sociedade. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.